

**“PROFESSOR, SOU MUITO ETNOCÊNTRICA!” OU: RELATO SOBRE A
DUPLA DIMENSÃO DA DESCOBERTA DA ANTROPOLOGIA EM SALA-DE-
AULA ***

Rafael José dos Santos **

Eduardo Manchon Arantes ***

Resumo: O artigo discute o ensino de Antropologia para cursos de outros campos acadêmicos, a partir da experiência concreta em uma graduação em Turismo. A Antropologia em outras áreas é, frequentemente, inserida nos diversos projetos pedagógicos como disciplina de “formação humanista”, diferenciando-se das disciplinas consideradas “específicas”. Isso obscurece o fato dela estender hoje suas reflexões às mais diversas áreas: da Comunicação Social às Ciências Médicas, da Educação ao Turismo. Na experiência relatada neste trabalho, foram exploradas as possibilidades do diálogo interdisciplinar, o que permitiu aos estudantes uma dupla descoberta: de uma perspectiva geral, a relativização acerca de seus valores culturais, vividos em suas experiências imediatas como absolutos; de uma perspectiva específica, a possibilidade de pensar seu futuro campo de atuação a partir de um olhar menos pragmático.

Palavras-chave: Ensino de Antropologia. Turismo. Disciplinas Gerais e Específicas.

**“TEACHER, I AM VERY ETHNOCENTRIC”: A REPORT ON THE DUAL
DIMENSION OF THE DISCOVERY OF ANTHROPOLOGY IN THE
CLASSROOM**

Abstract: This article discusses the teaching of Anthropology to courses in other academic fields based upon a concrete experience in an undergraduate Tourism program. Anthropology is frequently inserted in various pedagogic projects as a humanities subject, distinct from those subjects considered to be specific. This obscures the fact that Anthropology extends its reflections to a wide variety of fields: from Social

* Trabalho apresentado no Fórum de Pesquisa Antropologia e Educação da XXIV REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, Olinda, PE, 13 jun. 2004. Agradecemos às doutoras Margarita Barretto (UCS), Maria Luiza Cardinale Baptista (UNISINOS/UFRGS) e Neusa Maria Mendes de Gusmão (UNICAMP). Somos gratos também aos acadêmicos Bruno Tasso da Costa, Liliâne de Paula Rodrigues dos Santos, Maria Isabel Garcia Pinto, Nayalin Pinho Feller e todos (sem exceção) que cursaram a disciplina Antropologia Cultural na 2ª fase do Curso de Turismo da UNISUL (Campus de Tubarão – Unidade de Laguna) durante o segundo semestre de 2003. Por último, mas não menos importante, agradecemos aos moradores das regiões da Ponta da Barra, Passagem da Barra e Farol de Santa Marta (Laguna, SC) que suportam pacientemente nossas inquietações etnográficas.

** Antropólogo, doutor em Ciência Sociais.

Pesquisador e docente da Universidade de Caxias do Sul, RS.

*** Acadêmico de Turismo da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL).

Communication to Medical Sciences, Education and Tourism. The experience reported here explored the possibility for an interdisciplinary dialog that allows students a dual discovery. From a general perspective, this involves a relative understanding of their cultural values, which are experienced in their immediate experience as absolutes. From a specific perspective, it involves the possibility of considering their future field of activity from a less pragmatic perspective.

Keywords: Anthropology Teaching. Tourism. General and Specifics Disciplines.

O trabalho (de pesquisa) deve ser assumido no desejo. Se essa assunção não se dá, o trabalho é moroso, funcional, alienado, movido apenas pela necessidade de prestar um exame, de obter um diploma, de garantir uma promoção na carreira. Para que o desejo se insinue no meu trabalho, é preciso que esse trabalho me seja **pedido** não por uma coletividade que pretende garantir para si o meu labor (a minha pena) e contabilizar a rentabilidade do investimento que faz em mim, mas por uma assembléia viva de leitores em que se faz ouvir o desejo do Outro (e não o controle da Lei). Ora, em nossa sociedade, em nossas instituições, o que se pede ao estudante, ao jovem pesquisador, ao trabalhador intelectual, nunca é o seu desejo: não se lhe pede para escrever, pede-se-lhe para falar (ao longo de inumeráveis exposições) ou para 'relatar' (em vista de controles regulares). (BARTHES 1988, p. 96-97, grifo do autor)

1 Introdução

A frase que compõe o título do trabalho foi dita em sala de aula, por ocasião de um dos encontros da disciplina Antropologia Cultural, ministrada a estudantes do Curso de Turismo da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL) em Laguna, SC, no segundo semestre de 2003. Sua autora, uma aluna que procurava elucidar uma questão que ela própria formulara, mais ou menos nos seguintes termos: “por que a população nativa de uma determinada comunidade de pescadores do litoral sul catarinense não valorizava a educação formal como meio de ascensão social?”.

A pergunta, entremeada pela observação acerca de seu “etnocentrismo”, revelava a dupla dimensão da descoberta da antropologia em sala-de-aula: de um lado, enquanto colocava-se à estudante a existência de algum sentido a ser desvendado nos valores e atitudes de uma determinada realidade cultural que lhe era, naquele momento, estranha, emergia, também, uma dúvida acerca da centralidade de sua própria visão de mundo.

Essa dupla dimensão do encontro com a Antropologia – a descoberta do Outro e o questionamento de nossas próprias convicções – motivou a produção deste trabalho. Longe de apontar para caminhos metodológicos ou didáticos no que toca ao ensino da disciplina para outras áreas, buscamos, na primeira e segunda parte, delinear alguns problemas, que vão desde o lugar das chamadas “disciplinas gerais” (Antropologia e Sociologia, entre outras) nos currículos de cursos essencialmente orientados para o “mercado” (como o Turismo e a Comunicação Social), passam pelos limites impostos pela maioria das Instituições de Ensino Superior (IES) aos docentes destas disciplinas, chegando, finalmente, às percepções de alunos e alunas em relação a algo identificado como “teórico”, em oposição às expectativas por experiências “práticas”.

Quanto ao relato propriamente dito, que constitui a terceira parte do texto, a decisão de fazê-lo em uma co-autoria entre professor e aluno deve-se ao fato de o primeiro estar iniciando, de modo sistemático e animado por uma experiência concreta, uma reflexão acerca de um tema que lhe angustia há alguns anos em sua trajetória profissional, ensinando Sociologia e Antropologia para os mais diferentes cursos de graduação. O segundo, por sua vez, acabou seduzido pela possibilidade que o “olhar antropológico” lhe abre, tanto em uma dimensão existencial como do ponto de vista de sua formação profissional, o que o encaminhou a um projeto de Iniciação Científica que envolve uma das dimensões mais ricas da disciplina: a etnografia. (SANTOS;

ARANTES, 2004). No relato, quatro estudantes que cursaram a disciplina nos últimos dois anos, transformaram-se também em nossos “informantes”, juntamente com uma aluna do curso de Pedagogia, revelando que a descoberta da Antropologia, para muito além do contato com conceito, método e técnica, consiste em uma experiência subjetiva ímpar.

2 Para quê serve isso, afinal? O “algo a dizer”.

Muitos professores empenhados no ensino de disciplinas como a Sociologia e a Antropologia defrontam-se freqüentemente com o desinteresse dos estudantes de cursos nos quais estas ciências apresentam-se como disciplinas de “formação humanista”, “geral” ou “básica”. No caso específico da Antropologia, até recentemente a maioria das discussões sobre seu ensino se desenvolvia no interior dos programas de formação em Ciências Sociais, casos em que se “discutia entre convertidos” o que deveria “falar-se aos convertidos”, uma vez que se pode pressupor uma razoável predisposição dos estudantes à reflexão sistemática acerca das coisas da cultura.

A partir disso, não há como deixar de registrar ou, antes, enunciar, algo que fica por vezes não-dito: o fechamento sobre si mesmo das Ciências Sociais no Brasil, pelo menos no que diz respeito ao diálogo com campos multi/inter/pluri/trans-disciplinares, como a Comunicação e, mais recentemente, os Estudos Turísticos. Muitas das contribuições oriundas da Sociologia e da Antropologia acabam por serem introduzidas nestes campos ou por raros pesquisadores que ultrapassam as fronteiras, confortáveis e defensivas, ou por comunicólogos e turismólogos que entendem o diálogo como imprescindível. Veja-se, por exemplo, a amplitude dos diferentes trabalhos produzidos pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (INTERCOM), ou os recentes esforços de incorporar a perspectiva antropológica ao estudo dos fenômenos turísticos. (BARRETTO; BANDUCCI, 2001).

Sintomaticamente, a questão do ensino de Antropologia para outras áreas não vem do interior dos institutos de Ciências Sociais, mas de antropólogos atuando no campo da Educação, operando uma inversão que leva a problemática para o interior da Associação Brasileira de Antropologia, que em 2002 discutiu o “Ensino de Antropologia para outros cursos” em um de seus Fóruns de Pesquisa.

Este é, sem dúvida, um tema premente, principalmente se considerarmos o aumento significativo do ensino superior no Brasil, nos últimos 22 anos: em 1980 contávamos com 882 IES, ocupando 109.788 docentes; em 2002 o número de IES subiu para 1.637, com um total de professores de 242.475 (BRASIL, 2002). Sob a frieza dos números ocultam-se dramas cotidianos em milhares de salas-de-aula pelo país e em muitos casos os atores são, certamente, professores cientistas sociais que se defrontam com interlocutores cujos interesses são muito diversos e, às vezes, até conflitantes, com aquilo que antropólogos e sociólogos têm a dizer.

No caso dos Cursos de Turismo, os impasses vividos nas salas-de-aula são aspectos de uma problemática mais ampla, que diz respeito à posição da Antropologia no campo multidisciplinar, polifônico e polissêmico dos Estudos Turísticos (JAFARI, 1994; NASH, 1996; BARRETTO; BANDUCCI, 2001). Este campo, que vem se consolidando com maior intensidade e extensão nas últimas três décadas, traz os fenômenos e processos relacionados às viagens, ao lazer e à hospitalidade para o âmbito das reflexões das Ciências Sociais, em geral e da Antropologia, em particular, o que faz com que esta tenha “algo a dizer” de específico ao campo de formação profissional dos estudantes. Esse raciocínio aplica-se igualmente a outros campos, tais como a Comunicação Social, na qual os estudos interdisciplinares iniciaram-se bem mais cedo (HOHLFELDT; MARTINO; FRANÇA, 2001) e a Educação, cujas relações com a Antropologia remontam ao final do século XIX e as primeiras décadas do XX (GUSMÃO, 1997; DAUSTER, 2003) e vêm se fortalecendo frente aos desafios colocados pelos processos culturais da contemporaneidade (VALENTE, 1999).

Entretanto, o “algo a dizer” exige do docente um conhecimento da produção antropológica (ou sociológica, filosófica etc.) em cada área, o que é, muitas vezes, inviável tendo em vista as condições de trabalho do professor universitário na grande maioria das IES do país. No caso do ensino privado, uma quantidade significativa de docentes é envolvida em um turbilhão de horas-aula nas áreas de formação mais diversificadas, sendo obrigada a transitar das turmas de Engenharias às da Enfermagem, da História à Administração de Empresas, restando muito pouco tempo – essa dimensão essencial do trabalho intelectual – para o aprofundamento de quaisquer reflexões sobre a disciplina que se encontram empenhados em ensinar. Acrescente-se, ainda, o fato de uma parte significativa dos planejadores-gestores do ensino superior privado demonstrarem total desconhecimento das disciplinas “gerais”, “básicas” ou “de

formação humanística”. Gera-se, então, um justificado mal-estar, como aquele expresso pelo professor de Antropologia Bellini Meurer:

[...] onde a educação não é levada tão a sério, a Antropologia (como as outras disciplinas sociais) é ensinada nas áreas técnicas, mas – em geral – manipulada ao bel-prazer do professor ou ao gosto da corporação. É vista, não poucas vezes, como um cosmético, uma maquiagem para preocupações humanísticas. (MEURER, 1999, p. 2).

Em princípio, o fato de uma disciplina como a Antropologia ter “algo a dizer” acerca do Turismo, já levaria a uma maior motivação do estudante, que reconheceria em uma disciplina aparentemente estranha, fatos e reflexões de sua área específica. Há alguns anos, o professor-autor já havia transformado o ensino de Ciências Sociais para outras áreas em objeto de suas indagações. É importante sublinhar: indagações não sistemáticas, muito mais pautadas pela intenção de motivar os estudantes através do convencimento racional – via leituras de textos e aulas expositivas – acerca do “algo a dizer” que tais ciências tinham para eles. De sua formação pregressa (Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da UNICAMP) o professor trazia uma aversão por dinâmicas de grupo e estratégias lúdicas em geral, postura que só cresceu no decorrer do tempo, na medida em que constatava, no cotidiano das IES onde atuou, o quanto estas técnicas se apresentavam como uma certa “infantilização” dos alunos e reforçavam, portanto, a crescente resistência ao esforço “puramente” intelectual. Para complicar ainda mais, a maioria dos colegas que aderiam a tais recursos manifestava, nas reuniões e situações informais, uma forte (e contraditória) aversão à teoria.

Com a posição do “algo a dizer”, os esforços docentes concentravam-se na adoção de textos – no caso da Antropologia, as etnografias – relacionadas às áreas de formação “específicas” dos alunos. Neste trecho do itinerário, os sucessos e insucessos variavam de acordo com os cursos. Em uma turma de Serviço Social, por exemplo, o trabalho TAUBE (1986) sobre migrantes que se transformavam em moradores de favelas foi bastante aceito. Entretanto, as discussões (ou melhor, o monólogo do professor) acerca das abordagens antropológicas do tema “saúde, corpo e doença” não disseram absolutamente nada a uma turma de primeiro ano de um curso de Fisioterapia. Era nestes casos que o desânimo abatia-se e instalava-se a angústia, sempre solucionada com as respostas do “senso comum docente”: “as uvas estavam verdes”. Uma aproximação maior foi possível em uma experiência com um Curso de Comunicação,

dada a familiaridade do docente com a área que havia sido tema de sua dissertação de mestrado (SANTOS, 1992). Neste caso, o recurso a exercícios de análise de representações sociais veiculadas pelos anúncios publicitários mostrou a necessidade, mas não a suficiência, do estabelecimento de uma relação direta entre a Antropologia e o campo de formação dos estudantes.

Em determinado momento, o docente chegou à conclusão de que a dificuldade maior encontrava-se no domínio da linguagem científica. Empenhou-se, então, na elaboração de um texto que pudesse, ao mesmo tempo, compatibilizar acessibilidade e rigor, além de incorporar o fato do leitor não ser estudante de Ciências Sociais. Surgiu, assim, “Uma breve introdução à Antropologia para quem não vai ser antropólogo” (SANTOS, 1999). A estratégia do texto funcionava nas primeiras aulas, mas por tratar-se de uma introdução, quando supunha que o estudante estivesse pronto para o “algo a dizer”... vinha uma nova frustração.

3 Para que serve “isso”, na prática?

O fato de haver uma relação entre a Antropologia e o Turismo podia atender as inquietações do docente-pesquisador acerca dos fenômenos culturais relacionados à viagem, mas não era suficiente para seduzir os estudantes devido à outra complicação, ainda mais dramática: uma aversão generalizada pelas teorias, tal como Baptista (2003, p. 5) constatou em sua experiência docente nos Cursos de Comunicação:

Penso no quanto, para muitos alunos, as disciplinas teóricas constituem-se, apenas, em entulho de currículo. Trata-se, apenas, daquilo que se interpõe entre o início e a “parte boa” da faculdade, que, para eles, a priori, é a prática .

Para além disso, há também uma concepção de teoria como qualquer coisa oposta à prática imediata. A superação da oposição entre o conhecimento “geral” e o “específico” vinha constituindo-se, na cabeça do professor, como a solução mágica para atrair os estudantes, quando descobriu, na “prática”, que a “teoria” era “a outra”. É revelador o fato de alguém empenhado no incitamento ao conhecimento e à compreensão da alteridade cultural não estar sensível aos sentidos que os sujeitos do diálogo ensino-aprendizagem atribuíam às palavras, neste caso, a “teoria” !

O fato da teoria, seja ela qual for, dizer respeito à área de formação do estudante não lhe confere legitimidade (sociologicamente falando) junto ao interlocutor, muito menos solicita ao aluno o seu Desejo, como na epígrafe de BARHES. Para muitos estudantes de cursos de Pedagogia, por exemplo, o fato de o culturalismo norte-americano ter sido um importante elemento na história das idéias pedagógicas do século XX, não desperta a atenção, uma vez que, em princípio, não é algo traduzível nos termos de sua futura “prática” profissional. Recentemente, em minha primeira experiência de docência na disciplina “Teoria da Comunicação” (para a qual fui convencido tratar-se de uma Teoria relacionada à área de interesse dos alunos), fui alvejado por indagações de estudantes de Publicidade e Propaganda acerca da utilidade de “tudo aquilo”, que eu expunha em meu Plano de Ensino, frente às exigências que eles teriam que enfrentar no “mercado de trabalho”. Estava ali uma chave para a compreensão do sentido da “prática”: a operacionalização de técnicas visando às futuras exigências profissionais. No caso dos estudantes de Pedagogia, muitos já desempenham funções docentes e vão à universidade buscar, além do atendimento às exigências legais, as soluções para problemas encontrados no cotidiano escolar.

O professor deu-se conta das inúmeras vezes em que a angústia derivada da negação/resistência ao seu discurso (“Daquilo” que ele tinha para dizer) era solucionada por ele mesmo e por muitos colegas nos termos do “senso comum docente”, compartilhado nas salas-de-professores, nas lanchonetes e corredores, e que emerge freqüentemente nas reuniões (de Departamentos, Congregações de Curso) sob a forma de acusações aos alunos: ausência de prática de leitura, de produção textual e outras “deficiências”, atribuídas, de modo um tanto vago, a uma formação pregressa deficitária. Outras vezes, a angústia docente se expressava sob uma forma muito peculiar de racionalização, algo que gosto de denominar “síndrome das uvas verdes”, como na fábula da raposa. Trata-se do apelo puro e simples a uma generalização da irracionalidade contemporânea, que “aparece” – penso aqui no sentido do “aparecer” ideológico – à experiência cotidiana sob a forma de “mediocridade intelectual”: os estudantes não estavam prontos para os finos biscoitos conceituais que eu tinha para oferecer.

No caso dos professores cientistas sociais, o senso comum docente revela uma incapacidade – via de regra algo atribuído aos alunos – em transformar o incômodo em objeto de reflexão: surpreendo-me, assim, sendo “vítima” daquilo que eu atribuí a ao Outro. Coloco-me a necessidade de aprender aquilo que eu devo ensinar.

O que descubro? o estudante, transformado em “cliente” de uma relação mercantilizada – expressa tantas vezes no “eu pago, logo, tenho direito”. Oriundo, na maioria das vezes, de uma realidade pouco afeta à reflexão, motivado pela busca de ascensão social através de uma formação técnica em nível superior, o aluno estabelece uma relação pragmática com seu curso de opção, relação esta que é, muitas vezes, alimentada por docentes e pelos discursos institucionais, uma vez que é parte de um processo social, cultural e econômico mais amplo, caracterizado pelo domínio da racionalidade pragmática do “mercado” – da qual, no fim das contas, nenhum de nós sai racional ou emocionalmente impune.

Neste sentido, algumas das análises de Arce (2001) sobre a formação de professores de educação infantil podem ser estendidas a outras áreas, na medida em que iluminam o modo histórico e ideológico através do qual o capitalismo globalizado engendra um imaginário avesso à reflexão teórica. Para além disso, desloca-se, também, o sentido da atividade reflexiva, reduzindo o “pensar a prática” à simples solução de problemas operacionais e apontando para uma concepção de educação como “formação do homem neoliberal competitivo, capaz de passar pelas provas que o mercado impõe, adaptando-se, sendo tecnicamente flexível, prova maior do investimento do mercado no Capital Humano, no indivíduo” (ARCE, 2001, p. 258). Os desdobramentos desta perversão da educação atingem as subjetividades de docentes e estudantes, muitas vezes levando os primeiros às estratégias defensivas de racionalização e os segundos a resistências sob as mais diferentes formas: da macro-realidade à esfera dos afetos, instaura-se o desprazer e submete-se o Desejo.

Neste contexto, a docência de Ciências Sociais para outros cursos reveste-se, também, de um caráter político. Nos anos de 1960, Umberto Eco analisava os efeitos de dominação da Comunicação de Massa, propondo a idéia de uma “Guerrilha Semiológica”, um conjunto de ações pontuais a partir de alternativas dentro da própria comunicação, gerando, assim, um movimento no qual: “O universo da comunicação tecnológica seria atravessado, então, por um grupo de guerrilheiros da comunicação que reintroduziriam uma dimensão crítica na recepção passiva.” (ECO, 1984, p. 175).

A pista aberta por ECO possibilita pensar a docência também como uma estratégia de “guerrilha” contra a hegemonia da razão instrumental que no interior das IES, é apenas mais uma manifestação da dominação mais ampla, disseminada na sociedade, demonstrando a realização de algo que os frankfurtianos já vislumbravam nos anos de 1940. (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Não se trata, contudo, de politizar a Antropologia no sentido da militância *strictu sensu*, o que certamente a descaracterizaria, mas de mostrá-la em sua dimensão subversiva, que permite desvendar muita das angústias vividas pelos estudantes como sujeitos da cultura. Isso não é possível, simplesmente, através do convencimento racional – o que já havia sido feito na tentativa de demonstrar as contribuições da Antropologia para o Turismo –, mas a partir da “compreensão de que o sujeito aprende melhor, mais intensamente, se não nos voltamos apenas para a sua dimensão racional/consciência. É preciso mobilizar-lhes os afetos, afetá-los de alguma forma.” (BAPTISTA, 2003, p. 5).

A Antropologia é privilegiada neste sentido, uma vez que o contato com ela pressupõe a suspeita sobre nossas certezas absolutas, o que leva a inevitáveis conflitos subjetivos que são modos de mobilização de afetos. A título de ilustração, no primeiro semestre de 2004 foi solicitado a estudantes de Pedagogia que escrevessem, em forma de depoimento, sobre seu primeiro contato com a Antropologia. Transcrevemos aqui um trecho bastante significativo:

[...] é surpreendente o resultado que já começa a transparecer em minha vida. Pode parecer ridículo, mas nunca pude pensar que eu tivesse tanto preconceito perante outras culturas. Hoje, nas mínimas coisas em meu dia-a-dia, faço uma observação e uma reflexão, assim começo a respeitar os outros e não julgar. (DEPOIMENTO, aluna 19 anos, escrito em abril de 2004).

Entretanto, para não frustrar nossos leitores/interlocutores, é necessário dizer que, a partir das reflexões anteriores, não foi desenvolvida nenhuma fórmula mágica, mas apenas o re-direcionamento da postura docente no sentido de livrar-se, na medida do possível, das atitudes e racionalizações defensivas, buscando abrir-se ao seu Outro no espaço da sala-de-aula. Se, por um lado, tal atitude subjetivista não é suficiente para dar conta de uma proposta metodológica embasada teoricamente – correndo o risco de cair no voluntarismo, ou pior, em um tipo de narcisismo docente – de outro lado, ela é um primeiro passo, necessário para pensar um processo que não é, ao fim das contas, exclusivo da Antropologia.

4 Despertando o “olhar antropológico”, inclusive sobre o turismo

“Viajar consiste em ir, e voltar modificado”, escreve Santos (2001, p. 207). De alguma maneira, o investimento intelectual e emocional de um docente de Antropologia é (ou deveria ser) no sentido de que seu trabalho repercute de modo semelhante ao da viagem: que o contato com a Antropologia propicie algum tipo de transformação na visão que os alunos têm como sujeitos da cultura. Um indício do sucesso dessa empreitada pode ser verificado não nas avaliações ou atividades discentes no transcurso da disciplina, mas depois, passado o semestre letivo e superadas as exigências formais de avaliação. Sendo assim, transcrevemos aqui trechos de depoimentos de quatro alunos do Curso de Turismo que já haviam cursado a disciplina, solicitados a falar livremente sobre suas experiências com a Antropologia.

[...] é que depois, depois da matéria Antropologia, a gente pôde...é...eu aprendi a respeitar outras culturas, e... como eu não tenho contato, muito contato, com outras culturas, pude aprender a respeitar outras pessoas. Então, quando passa alguma pessoa com algum tipo de roupa, ou com algum alguma atitude diferente, que não é normal prá...(risos)...prá gente, né, aí as pessoas riem, e aí eu falo: ‘– Vocês riem porque nunca tiveram uma aula de Antropologia, vocês não... ainda não aprenderam a respeitar as culturas, ou...a atitude, não aprenderam a respeitar as pessoas, como elas pensam, como elas... o modo de agir’ [...]. (DEPOIMENTO).

Um indício importante é a alusão à sua experiência com a disciplina em uma situação informal, entre amigos, fato que ocorrerá nos demais depoimentos. Ressalta, também, no depoimento, a menção ao fato de, dado o pouco contato com outras culturas, a perspectiva antropológica redefinir as relações do estudante com as pessoas à sua volta. Em rápida intervenção, solicitamos ao entrevistado que nos desse um exemplo de alguém “diferente”:

Sei lá, vamos supor, um estilo... deixa eu ver, um exemplo... uma pessoa às vezes gostar muito de uma banda de rock, e às vezes se veste com uma roupa que hoje não tá na moda, talvez uma saia comprida, um *All Star* pela canela, e o pessoal ri, acha que aquilo ali é jeca, que já passou, mas que...eles não param pra pensar que aquilo pra ela é normal e que pode ser jeca prá ela a gente andar de bermuda e chinelo e camiseta, ou ela nem pensa nada, ou simplesmente respeita o que a gente faz e quer respeito no que ela

pensa, no que ela faz [...]. (DEPOIMENTO aluno, 22 anos, cursou a disciplina no 2º semestre de 2002, gravado em 10 abr.2004).

O “diferente” passa a ser traduzido em novos termos, inserido em uma lógica relacional e reflexiva (“ela” – “nós”), no interior da diversidade de práticas que constituem o universo de estilos-de-vida jovem.

No segundo depoimento, a referência à Antropologia aparece, primeiro, em uma discussão entre colegas acerca de uma grande questão da atualidade, para depois se revelar como algo “incorporado” à maneira de pensar do estudante:

[...] eu tava conversando com o (um colega de turma e de trabalho) aquele dia, a gente tava tendo uma briga lá no (local de seu trabalho), ele veio falar pra mim que os americanos [...] os americanos são os melhores do mundo realmente e que eles têm o direito de julgar o mundo. Daí eu me peguei falando assim pra ele: ‘- Ô [...], tu fez a aula semestre passado com a gente ? fez a aula de Antropologia ?’ Ele falou assim: ‘-Fiz’. – ‘Então, pô, tu não aprendeu nada, né ? Não sabe que tem que respeitar a cultura dos outros, que é diferente.’ Daí, nesse dia, eu comecei a pensar assim, que pra todo mundo que eu converso eu to sempre falando: tem que entender o outro lado, tem que ver que a cultura dele é diferente [...] eu comecei a perceber que eu não tava assim tão [...] pra falar, incorporei a Antropologia, né, o pensamento, que tava pregando [...] né, [refere-se à outra colega de turma que estava ao seu lado no momento do depoimento], a gente tava sempre conversando, sempre que a gente conversa a gente fala: não, tem que ver o que ele tá pensando, o quê que ele é... já incorporamos [...]. (DEPOIMENTO, aluno, 20 anos, cursou a disciplina no 2º semestre de 2003, gravado em 11 nov. 2004).

A transformação das questões suscitadas pela Antropologia em assunto de conversas informais aparece também no terceiro depoimento:

A gente pode se reunir muito para tomar um chimarrão na pracinha, e na casa de alguém, atrás, e as pessoas começam, começavam a contar várias estórias, e sempre no meio eu entrava com a estória: ‘- Não, porque isso aí tu ta sendo muito etnocentrista!’. ‘- Quê ? Sendo o quê ?’, ‘- Pô, etnocentrista !’ (DEPOIMENTO).

O caso desta entrevistada – a autora da frase que dá título a este trabalho – levou o perplexo docente à descoberta do quanto, muitas vezes, desconhecemos o alcance real do discurso do qual somos portadores. Tratava-se de uma estudante que, na época, enfrentava um dilema relacionado ao fato de haver optado por trocar um grande centro urbano pela vida em uma comunidade de pescadores na região do Farol de Santa Marta

em Laguna, SC, (informação que fornecemos com a autorização da mesma), passando logo depois por um movimento de desencanto com a cultura local:

E eles perguntavam muito: ‘-E o Farol? E o Farol? O quê que é o Farol?’ E eu tava muito revoltada, principalmente quando começou as aulas, isso que eu achei mais legal, de Antropologia, que eu não fui nas primeiras, eu me lembro, me arrependo, mas não sabia o quê que eu tava perdendo, e eu tava vivendo uma parada no Farol que tava me revoltando **muito**, eu tava vivendo um período, assim, que eu não tava acreditando naquilo [...] não, esse mundo não existe, isso aqui é horrível, detesto isso aqui, as pessoas são burras, eu chegava assim ao ponto de... na verdade eu tava sendo uma burra, mas...eu não aceitava aquilo: a mulher aqui é explorada, o homem aqui não faz nada, pesca e acha que é o máximo, tem medo de sair daqui, um conflito tipo interno, eu era...a minha cultura é a melhor eu não vou fazer comida [...]. E eu comecei a frequentar as aulas do Rafael e começou a clarear: ‘- Não, cara, aí, não é por aí’. Então, a cada aula que eu ia, eu voltava pro Farol tipo respeitando, a palavra é essa, respeitando mais a pessoa que tava do meu lado, e as pessoas em volta deles, e comecei a analisar de outra forma, assim, uma visão mais aberta, mais pura, mais humana, eu diria, tipo, sem discriminação. (DEPOIMENTO).

O que era para ser um convite à reflexão objetiva sobre os processos culturais, pelo menos na cabeça do docente, acabou tornando-se um elemento catalisador e transformador de sentimentos (guardadas as devidas proporções e diferenças, semelhante ao manifestado no depoimento da aluna de Pedagogia, transcrito anteriormente, que se referiu ao fato de “nunca” ter pensado que “tivesse tantos preconceitos”). O mais interessante, no caso da aluna de Turismo, é o fato do contato com a Antropologia não ter colaborado para sua adaptação, ao estilo romântico, à localidade onde morava, mas haver fornecido elementos para que ela pudesse compreender seus limites e decidir-se por mudar de lá:

[...] isso que aconteceu comigo: eu conheci o Farol, eu entendi a do Farol, eu entendi qual é que é, mas mesmo assim eu digo: ‘- A minha é melhor, eu quero continuar com a minha’. Eu acho que a minha é a certa, ainda, entendeu ? Não que a deles seja errada, mas pra mim, a minha é a certa, e eu não pretendo mudar. Eu pretendo não discriminar o outro, eu, com as aulas, tipo assim [...]. (DEPOIMENTO, aluna, 21 anos, cursou a disciplina no segundo semestre de 2003, gravado em 11 abr. 2004).

Finalmente, um quarto registro, o único que iniciou relatando as expectativas que a estudante tinha em relação a uma disciplina que talvez nada tivesse a dizer-lhe em relação ao seu campo de formação:

A princípio, que podia eu pensar sobre uma disciplina que eu julgava não ter nada a ver com meu curso. Daí você leva um choque, quando logo na primeira aula o professor chega falando sobre como as pessoas se comportam dentro da sociedade, quais seus valores, seus costumes, seus sonhos. Aí você aprende que isto tem tudo a ver com seu curso, pois de que modo eu vou poder me posicionar como profissional se não entender o que está acontecendo à minha volta? (DEPOIMENTO).

A relação da Antropologia com sua futura vida profissional não se estabeleceu, contudo, através de uma visão instrumentalizada da disciplina, mas por um indicativo da necessidade de “entender o que está acontecendo” à sua volta. Em outro trecho de seu depoimento a estudante refere-se também a uma:

constante fixação que tenho em observar tudo que está ao meu redor, os comportamentos das pessoas, os locais, tudo, e enquadrá-los dentro das definições, ou apenas nas idéias discutidas nas aulas de Antropologia Cultural. (DEPOIMENTO, aluna, 19 anos, cursou a disciplina no segundo semestre de 2003, escrito em abril de 2004).

Neste caso, a curiosidade do olhar acabou transformando-se em projeto de iniciação científica orientado pelo docente antropólogo: “Fazer uma pesquisa – acrescentou a aluna em seu depoimento – é algo maravilhoso. Você mergulha em um mundo que não é o seu e descobre que é sempre possível aprender mais”.

Mesmo frente a todas as limitações do ensino noturno em uma IES privada, um breve exercício de trabalho de campo proposto aos estudantes do segundo semestre de 2003 demonstrou o quanto a aliança entre curiosidade e pesquisa continua sendo um aspecto imprescindível na relação de ensino-aprendizagem. Foi proposto um tema amplo: “Turismo e Comunidade”, considerando o fato da universidade situar-se em uma região litorânea, para a qual desloca-se um número significativo de visitantes durante a alta temporada. As escolhas e os resultados animaram o docente: a inquietação acerca de uma artesã que produzia e vendia artesanato “indígena” mesmo não sendo descendente de nenhuma tribo (LOBO FILHO, 2003); o comportamento de turistas em visita a um espaço histórico (LOURENÇO, 2003); uma pequena experiência

etnográfica junto a pescadores artesanais (PIRES, 2003) e as relações entre turistas e nativos em duas comunidades de pescadores (ZOMMER, 2003; PINTO, 2003). Estes e outros trabalhos produzidos por estudantes merecem um artigo à parte, na medida em que as escolhas temáticas e algumas sutilezas nas maneiras de olhar os sujeitos das pesquisas revelam outras dimensões do ensino de Antropologia.

Solicitado a ser também um depoente, o aluno-autor refere-se à presença dos assuntos suscitados pela Antropologia nas conversas informais, momentos nos quais afloravam os maiores medos e angústias em relação a uma nova visão de mundo que se apresentava, de modo semelhante àquelas situações de informalidade nas quais os antropólogos revelam aspectos dos trabalhos de campo que não aparecem nos textos etnográficos (DA MATTA, 1978, p. 26-27). No exemplo perfeito do “olhar antropológico”, os sentidos são apreendidos nos lugares e nos momentos onde outras ciências não os procurariam ou, na formulação de Laplantine (1994, p. 152-153), na “atenção toda especial a esses materiais residuais que foram durante muito tempo considerados indignos de uma atividade tão nobre quanto a atividade científica”. Assim, demonstrando uma efetiva aprendizagem antropológica, os estudantes passaram a dedicar sua atenção para além das coisas escritas e formais.

Pensamos também no quanto uma ciência como a Antropologia, às voltas com as dificuldades impostas pelo seu lado “humano e fenomenológico” que emerge inexoravelmente nas situações de campo, poderia ser trabalhada na sala-de-aula, com o professor recalçando as dimensões subjetivas do processo de ensino-aprendizagem, ou melhor, expulsando-os para os corredores da universidade, da mesma maneira que os antropólogos as expulsam de seus textos (DA MATTA, 1978, p. 27). Trata-se, por enquanto, de uma indagação.

As reflexões de da Matta (1978, p. 27), sobre o trabalho de campo possibilitam ainda uma outra analogia. Se para os antropólogos o “anedotário referente às pesquisas de campo é um modo muito pouco imaginativo de depositar, num lado obscuro do ofício, os seus pontos talvez mais importantes e mais significativos” para os professores as reclamações, queixas, anedotas, racionalizações e outras estratégias defensivas, acionadas em situações informais, caracterizam uma espécie de recalque que constitui, parafrazeando o autor, o *Teaching Blues*. Uma dimensão importante e significativa do processo de ensino-aprendizagem acaba sendo, sob força da angústia, relegada para fora do âmbito da reflexão docente. Esta é também, por enquanto, apenas uma outra indagação.

Para finalizar o relato, o professor que se preocupava em “motivar” os estudantes apontando para as relações entre a Antropologia e o Turismo, acabou constatando o que já deveria saber de antemão, dado seu ofício: antes de serem “futuros” turismólogos, os jovens estudantes possuem inquietações quanto à cultura, não por interesse intelectual – que pode vir a aflorar no decorrer do percurso – mas pelo fato dela ser vivenciada subjetivamente por eles, muitas vezes de modo conflituoso e contraditório. Se existe realmente “algo a dizer”, ele deve ser buscado não no que a Antropologia possa lhes falar de específico, mas no que ela pode, antes de tudo, oferecer-lhes. Isso pressupõe, é claro, a necessidade de atenção ao que existe de latente em seus discursos manifestos – por exemplo nas reivindicações da “prática” – para descobrir aquilo que deve, afinal, ser o motor da qualquer trabalho: o Desejo.

Referências

ADORNO, Theodor; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

ARCE, Alessandra. Compre o kit neoliberal para a educação infantil e ganhe grátis os dez passos para se tornar um professor reflexivo. *Educação & Sociedade*, Campinas, ano XXII, n. 74, p. 251-283, abr. 2001.

BAPTISTA, Maria Luiza Cardinale. Disciplinas teóricas de entulho de currículo a campo do desejo e autopoiese. *Anais do 26^o CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO*, Belo Horizonte, MG, set. 2003. São Paulo: Intercom, 2003.

BARRETTO, Margarita; BANDUCCI JÚNIOR, Álvaro (org.). *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas: Papirus, 2001

BARTHES, Roland. *O Rumor da Língua*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

BRASIL. Ministério da Educação. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais. *Sinopses Estatísticas do Ensino Superior*. Brasília: INPE, 2002.

DA MATTA, Roberto. O Ofício de Etnólogo, ou como Ter “Anthropological Blues”. In NUNES, Edson de Oliveira. (org.). *A Aventura Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.23-35

DAUSTER, Tânia. *Um saber de fronteira – entre a Antropologia e a Educação*. Trabalho apresentado na 26.^a REUNIÃO ANUAL DA ANPED. Poços de Caldas, out. 2003. CD-ron.

ECO, Umberto. Guerrilha Semiológica. In:_____. *Viagem na Irrealidade Cotidiana*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 165-175.

GUSMÃO, Neusa Maria Mendes de. Antropologia e educação: origens de um diálogo. *Cadernos CEDES*, Campinas, v. 18, n.. 43, p.5-17. dezembro 1997.

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO; Luiz C. ; FRANÇA, Vera Veiga (org.). *Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 39-60.

JAFARI, Jafar. La Cientifizacion del Turismo. *Estudios y Perspectivas en Turismo*. Buenos Ayres, v. 3, n. 1. p. 7-36, 1994. Centro de Investigaciones y Estudios Turísticos.

LAPLANTINE, François. *Aprender Antropologia*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

LOBO FILHO, Ivaldo da S. *Turismo e cultura artesanal*. 2003. Trabalho apresentado à disciplina Antropologia Cultural do Curso de Turismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Laguna, nov. 2003.

LOURENÇO, Marcelo. *Turista e comunidade local*. 2003. Trabalho apresentado à disciplina Antropologia Cultural do Curso de Turismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Laguna, nov. 2003.

MEURER, Bellini. A antropologia, o que é isso ?. *A Notícia*. Joinville, SC, 20 mar.1999, p.2.

NASH, Dennison. *Anthropology of Tourism*. New York: Pergamon, 1996.

PINTO, Maria Isabel. *Farol....* 2003. Trabalho apresentado à disciplina Antropologia Cultural do Curso de Turismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Laguna, nov. 2003.

PIRES, Cynthia Nogueira. *Relatório de Pesquisa*. 2003. Trabalho apresentado à disciplina Antropologia Cultural do Curso de Turismo da Universidade do Sul de Santa Catarina – UNISUL. Laguna, nov. 2003.

SANTOS, Agatha Alexandre. Construção Social da Pessoa no Turismo: um estudo de caso. In BARRETTO, Margarita; BANDUCCI JÚNIOR R. Álvaro (org.). *Turismo e Identidade Local: Uma visão antropológica*. Campinas: Papyrus, 2001. p. 195-208

SANTOS, Rafael José dos; ARANTES, Eduardo Manchon. *Cultura e Conflito: pescadores artesanais, turistas e surfistas na região do Farol de Santa Marta, Laguna, SC*. Trabalho apresentado na 24^A REUNIÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA. Fórum de Pesquisa 32: Cultura como atrativo turístico. Olinda, PE, junho de 2004. CD ron.

SANTOS, Rafael José dos. *Antropologia para quem não vai ser antropólogo*. Porto Alegre: Tomo Editorial, 2005.

SANTOS, Rafael José dos. *A Publicidade e a Representação de Juventude: um estudo sobre os mecanismos da produção publicitária*. 1992. Dissertação (Mestrado em Antropologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Campinas, 1992.

SMITH, Valene (ed.). *Hosts and Guests: The Anthropology of Tourism*. 2. ed. University of Pennsylvania Press, 1989.

TAUBE, Maria José de Mattos. *De migrantes a favelados: estudo de um processo migratório*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1986.

VALENTE, Ana Lúcia. *Educação e diversidade cultural: um desafio da atualidade*. São Paulo: Moderna, 1999.

ZOMMER, Rafael. *Comportamento dos turistas na alta temporada e os moradores locais – Praia da Ribanceira, Imbituba, SC*. 2003. Trabalho apresentado à disciplina Antropologia Cultural do Curso de Turismo da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Laguna, nov. 2003.

Endereço:

Rafael José dos Santos
Rua Mário João Beviláqua, 634
Bairro: Santa Catarina
95032-240 – Caxias do Sul/RS
E-mail: rafael@cipnet.com.br

Eduardo Manchon Arantes
Setor de Publicações
Rua Visconde de Ouro Preto, 457 – Centro
88020-040 – Florianópolis / SC
E-mail: eduardoarantes@unisul.br

Recebido em: 12/2004
Aprovado em: 04/2005